



A ALMA ENCANTADORA DAS RUAS

Iza Vanesa P. de F. Guimarães*

Universidade Federal do Amapá – UNIFAP

izavanesa@yahoo.com.br

A narrativa adia a morte, ativa o imaginário,
mantém viva a memória, salva as ações
humanas do esquecimento e da morte.

André Bueno¹

A narrativa em “A alma encantadora das ruas” é ingênua e ao mesmo tempo irônica. Pela sua riqueza transcende qualquer sentido restrito de modernidade. Seus significados cortantes não oferecem eufemismos. João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (1881-1921), “João do Rio, o mais audaz dos jornalistas da época”,² assumiu uma escrita literária crítico-política.

João do Rio, em sua obra “A alma encantadora das ruas” (1908), aproxima-se da narrativa de Charles Baudelaire (1821-1867), oscilando entre as visões pastoral e antipastoral da modernidade. A presença de uma visão pastoral na obra de Baudelaire revela o desejo em vislumbrar, senão a essência da modernidade, mas pelo menos o seu

* Iza Vanesa Pedrosa de Freitas Guimarães possui Graduação em Licenciatura e Bacharelado em História (2004) e Mestrado Acadêmico em História Social da Amazônia (2007) pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente, é Professora Assistente da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), atuando na área de Teoria e Metodologia da História. Tem experiência em Ensino Superior, Educação Profissional e Pesquisa em História. Faz parte do corpo docente do Curso de Especialização em História e Historiografia da Amazônia da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) (C. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/668480477755624>).

¹ BUENO, André. Sinais da cidade: forma literária e vida cotidiana. In: FERNADES, Ronaldo Costa; LIMA, Rogério (Orgs.). **O imaginário da cidade**. Brasília: UnB, 2000, p. 109.

² NEEDELL, Jeffrey D. Rio de Janeiro: Capital do século XIX brasileiro. In: _____. **Belle Époque tropical**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993, p. 71.

descortinamento através das mudanças econômicas e culturais da vida moderna.³ A obra de João do Rio é contemporânea dessas mudanças; seu estilo literário emoldura o quadro das transformações materiais entrelaçadas às representações culturais desse período.⁴

Já a visão antipastoral em Baudelaire revela um poeta maravilhado com os avanços no processo de urbanização da cidade de Paris; com a elegância e a pompa da vida parisiense, tudo isso como sinônimo de progresso. Como Paris tornara-se símbolo da modernidade na Europa ocidental, João do Rio, em sua obra, parece preocupado em adequar a capital brasileira da época aos padrões europeus (lêem-se parisienses). Daí insistir na idéia “O Rio civiliza-se”.

Os discursos e imagens literárias, produzidos por Baudelaire acerca de Paris e por João do Rio sobre a cidade do Rio de Janeiro durante a *Belle Époque*, desenharam “cidades imaginárias” correlatas às “cidades reais” de Haussmann e Pereira Passos. Tais cidades imaginárias significam a tradução da “sintonia fina”⁵ de uma época em que o aprofundamento e a retomada de metáforas e contrastes do urbano eram sentidos a partir de uma escrita *voyeurista* tanto em Baudelaire quanto em João do Rio.

O enredo provocativo em “A alma encantadora das ruas” (1908), ao descrever as ruas do Rio de Janeiro do início do século XX, traz à superfície as novas estruturas e relações sociais que emergiram com a efervescência da ornamentação da *Belle Époque*. Sabe-se que no Rio de Janeiro, assim como na capital francesa, a passagem do século XIX ao XX fazia emergir uma nova teatralização entre os atores sociais, isto é, trata-se do processo de recriação social da vida moderna.

Várias obras marcaram as mudanças materiais das estruturas coloniais que se mantiveram ao longo do século XIX no Rio de Janeiro. Ruas foram alargadas e pavimentadas, prédios demolidos como o mercado central, estradas asfaltadas, locais

³ BERMAN, Marshall. Baudelaire: o modernismo nas Ruas. In: _____. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1986, p. 133.

⁴ DIAS, Edineia Mascarenhas. Como se improvisa uma cidade nos trópicos. In: _____. **A ilusão do fausto**. Manaus: 1890-1920. Manaus: Valer, 1999, p. 30.

Sabe-se que “A modernidade traria um novo estilo de vida e grandes transformações, não só materiais, como também espirituais”. Entende-se aqui por transformações espirituais, todas aquelas no domínio do simbólico, isto é, pertencente aos aspectos imateriais da cultura, mas que estão diretamente ligadas às transformações materiais.

⁵ PESAVENTO, Sandra. **O imaginário da cidade**. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 1999, p. 108.

foram embelezados como o Largo do Machado e o Passeio Público, introduziu-se a iluminação pública, avenidas e o Túnel do Leme passaram a interligar a área da Cidade Velha à Zona Norte. Porém, nada expressa melhor a *Belle Époque* do Rio de Janeiro que a construção da Avenida Central, isto é, de uma grande rua.

As ruas permitem ver a cidade de uma forma endógena; são o *locus* dessas novas estruturas e dessa nova teia de relações sociais. As ruas permitem que a cidade seja vista através de uma escala microscópica de análise, atingindo, assim, sua profundidade. João do Rio além de apreender a cidade como discurso civilizador através da sutileza das ruas, ele encanta-se pela sua alma, ou melhor, encanta-se pela alma da cidade do Rio de Janeiro.

A MISÉRIA DOS EXCLUÍDOS

A narrativa de João do Rio mostra que entre a cidade imaginária e a cidade real existe o inevitável: os “tipos urbanos”.⁶ As ruas são cenários citadinos e também personagens da história das cidades porque permitem a criação de tipos urbanos, ou melhor, criam as profissões das ruas. Os tipos urbanos são sujeitos denominados por Baudelaire de “heróis modernos” na multidão, os sujeitos solitários da modernidade; por João do Rio, os tipos urbanos são definidos como “heróis da utilidade” que vivem na solidão das ruas.

A crítica presente nas crônicas sociais de João do Rio não remete aos tipos urbanos identificados, ela reside no processo que os proporciona: a miséria. Ele não parece considerar a rua como a própria miséria dos homens, como talvez uma leitura apressada sugira; é como se a miséria saísse às ruas e ninguém conseguisse detê-la. O problema apontado pelo autor repousa no descaso destinado aos miseráveis das ruas por parte do poder público e das camadas mais favorecidas da sociedade da época. Descaso que passa pelo completo desconhecimento desses tipos urbanos e da lógica de progresso e civilização ao qual o Rio de Janeiro está imbuído:

O Rio pode conhecer muito bem a vida do burguês de Londres, as peças de Paris, a geografia da Mandchúria e o patriotismo japonês. A

⁶ Ciganos, catraieiros, carroceiros, trapeiros, apanha-rótulos, selistas, caçadores, ledoras de *buena dicha* (sorte, destino), tatuadores, vendedores de orações, agenciadores de coroas e fazendas para luto – os urubus, mercadores de livros, artistas – pintores e músicos ambulantes, feitores de tabuletas, viciados de ópio, cocheiros, re-encenadores dos presepes, freqüentadores assíduos da missa do galo, brincantes dos cordões de carnaval, mariposas do luxo, trabalhadores de estiva, ingênuos portugueses e espanhóis – trabalhadores nas ilhas, mendigos, visitantes à Detenção, presos e seus versos.

apostar, porém, que conhece (*sic!*) nem a sua própria planta, nem a vida de toda sociedade, de todos esses meios estranhos e exóticos, de todas as profissões que constituem o progresso, a dor, a miséria da vasta Babel que se transforma.⁷ [Destaque nosso]

Em várias passagens da obra, João do Rio chama a atenção do leitor para as disparidades sociais. Enquanto há muitos que precisam das ruas para sobreviver, há aqueles que nem precisam trabalhar para manter o luxo de seu estilo de vida. Um exemplo disso são os “urubus” que vão pelas ruas sem muitas perspectivas e sobrevivem das desgraças alheias (Morte), comercializando os adereços fúnebres. Entretanto, há os cidadãos que não trabalham, mas desfrutam de boas vestimentas, de boas moradas, descansam em bons leitos e suas ocupações restringem-se à defesa de idéias políticas e sistemas morais.

Vale ressaltar que o teor argumentativo de João do Rio não deve ser encarado como uma reivindicação por justiça social nem deve ser encarado por uma abordagem marxista da separação entre trabalho manual e intelectual. É apenas uma advertência para o perigo representado pelos miseráveis na sociedade civilizada do Rio de Janeiro⁸.

Não se pode negar, no entanto, que as crônicas reunidas em “A alma encantadora das ruas” parecem construir-se a partir de uma perspectiva humanizada⁹, na qual há ênfase aos estigmas sociais, visto que João do Rio elege como protagonistas de suas histórias: os próprios excluídos da sociedade. Na primeira parte de sua obra, intitulada “A Rua” e na última parte, “A Musa das Ruas”, contempla-se um discurso em que prevalece a visão literária do “belo”. No entanto, nas outras partes da obra, prevalece a visão literária do “pitoresco”.

Os protagonistas são sempre, além do narrador, sujeitos marcados pela miséria ou pelo crime. São atores sociais que identificados nas tramas sociais como perigosos,

⁷ RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura / Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural / Divisão de Educação, 1995, p. 27.

⁸ Segundo Edinea M. Dias, esses miseráveis tornam-se “... objeto de preocupação por parte do setor público e privado, já que passam a incomodar com suas presenças e até mesmo a ameaçar a política de idealização de uma cidade de progresso e sem problemas”. DIAS, Edinea Mascarenhas. Como se improvisa uma cidade nos trópicos. In: **A ilusão do fausto**. Manaus: 1890-1920. Valer, 1999, p. 49. De acordo ainda com André Bueno, “... as massas e multidões urbanas foram vistas, muitas vezes, como bestiais, vulgares, perigosas, difíceis de domar, sempre uma (*sic!*) perigo a ameaçar a vida na cidade e a própria civilização”. Vale ressaltar Dias analisa a cidade de Manaus e André Bueno, a cidade do Rio de Janeiro, durante Belle Époque. (BUENO, André. Sinais da cidade: forma literária e vida cotidiana. In: FERNADES, Ronaldo Costa; LIMA, Rogério (Orgs.). **O imaginário da cidade**. Brasília: UnB, 2000, p. 91.) Vejam como se trata de uma mesma lógica de exclusão.

⁹ Humanizada no sentido de incluir esses tipos sociais à lógica da *Belle Époque*.

carregam nos seus corpos marcas bem mais profundas do que as tatuagens reveladas: marcas da miséria. É curiosa a dedicação do autor pelo simbolismo das tatuagens. Essas são vistas com desconfiança pela sociedade porque revelam escancaradamente os sujeitos que representam ameaça à ordem. Desse modo, os tipos urbanos apresentados por João do Rio são aqueles indivíduos estigmatizados e excluídos socialmente.

O movimento narrativo da obra analisada é todo engendrado pelas visitas do narrador à “miséria”, aos estigmatizados e excluídos da sociedade “civilizada” do Rio de Janeiro que vagam pelas ruas. O narrador interessa-se principalmente pelos modos de pensar e de viver desses miseráveis: quais as suas ocupações, o que vestem, o que comem, onde dormem. É como se quisesse dizer explicitamente que apesar do progresso da civilização, há excluídos dessa lógica. Nas tramas apresentadas, a barbárie cristaliza-se essencialmente porque aos pobres e miseráveis, excluídos do acesso às promessas de progresso e riqueza da modernidade, só resta a prática de crimes e vícios.

VÍCIOS, CRIMES E CASTIGOS: PARADOXOS DA MODERNIDADE

No Brasil, no início do século XX, os pobres e miseráveis das ruas eram a caça preferida da polícia porque continuamente se estabelecia a relação entre miséria e crime no contexto da *Belle Époque*. Na França, o “fin-de-siècle”, segundo Eugen Weber, era um ambiente pleno de “depravação e decadência”, assumindo contornos de “libertinagem e crime”. Libertinagem para os ricos e cultos; crime para os pobres e embrutecidos. Dessa forma, cristalizara-se a imagem dos pobres, enquanto criminosos e, conseqüentemente, convencionava-se a relação entre crime e miséria. A imprensa popular francesa foi uma das grandes responsáveis por essa “convenção social”.¹⁰

Na França, nem as pessoas elegantes da época, tampouco a população pobre escaparam das drogas: álcool, cafeína, tabaco, ópio, morfina. No Rio de Janeiro, essa realidade não era diferente. João do Rio, na crônica “Visões d’ ópio” alerta para o intenso consumo de drogas, sobretudo de ópio na cidade que se civilizava. Chega a considerar esse consumo como: “A cena de um lúgrube exotismo”¹¹ e admite sua repulsa, principalmente, por ser esse vício uma revelação da face dolorosa da miséria:

¹⁰ WEBER, Eugen. “Transgressões”, em *França fin-de-siècle*. São Paulo: Cia. das Letras: 1988. p. 40-68.

¹¹ RIO, João do. *A Alma Encantadora das Ruas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura / Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural / Divisão de Educação, 1995, p. 63.

Há um mistério de explorações e de horrores nesse pavor dos pobres celestes [...] Sinto náuseas e ao mesmo tempo uma nevrose de crime [...] dão-me a imperiosa vontade de apertar todos aqueles pescoços nus e exangues, pescoços viscosos de cadáver onde o veneno gota a gota dessora.¹²

Encerra João do Rio sua visita aos “porcos” – como se refere aos viciados em ópio – com uma exclamação: “– Vamos ou eu morro!”. O autor insinua com isso que não era cúmplice daquelas práticas viciosas, que não pertencia aquele mundo, apesar de demonstrar interesse em revelá-lo.

Na França, além do vício em drogas, fazia parte também do cotidiano das pessoas, o desregramento sexual: relações sexuais fortuitas, relações homossexuais, etc. Para amenizar a perda, quase sempre dolorosa, do *halo*, houve até a disseminação de práticas ocultistas, espíritas ou mesmo satanistas nesse período.¹³ Em “A alma encantadora das ruas” (1908), esses aspectos são também observados. Em algumas crônicas reunidas nessa obra, salta aos olhos a relevância que o autor dá à promiscuidade sexual. Na crônica “A Galeria Superior”, João do Rio aborda a promiscuidade relacionando-a à miséria, definindo-a por um conjunto de imagens negativas tais como a loucura e o deboche, a perdição e a doença.

O sentimento que João do Rio demonstra ao visitar esses espaços de miséria é de profundo mal-estar e repúdio, mas tal sentimento é fruto da própria contemporaneidade do autor. Não há como fugir do “mal-estar na metrópole”, mal-estar provocado inclusive pela sensação de se estar vivendo a modernidade. Nas palavras de André Bueno:

... a forma literária toma distância, muda a direção do olhar, sem endossar o mundo abstrato das coisas dialogando com outras coisas, que se tornou estranho, alheio, distante, desumano, uma alteridade, um Outro que provoca muito mal-estar e muitos desconfortos nos sujeitos urbanos.¹⁴

Além disso, João do Rio observa a presença permanente do profano no sagrado. Na crônica “Como se ouve a missa do ‘galo’”, relata que as pessoas freqüentavam a missa do “galo”, mais para namorar e menos para rezar. Dessa forma,

¹² RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura / Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural / Divisão de Educação, 1995, p. 61.

¹³ WEBER, Eugen. “Transgressões”, em *França fin-de-siècle*. São Paulo: Cia. das Letras: 1988, p. 50-53.

¹⁴ BUENO, André. Sinais da cidade: forma literária e vida cotidiana. In: FERNADES, Ronaldo Costa; LIMA, Rogério. (Orgs.). **O imaginário da cidade**. Brasília: UnB, 2000, p. 98.

questiona a veracidade das convicções e sentimentos religiosos das pessoas. A missa do “galo” era, portanto, uma grande encenação, assim como os presepes. Apenas a título de ilustração, em outra obra de João do Rio: “As religiões do Rio”¹⁵ publicada em 1904, foram apresentadas as religiões que se praticavam na época e que ainda eram bastante desconhecidas tanto da imprensa local quanto do público em geral.

Nesse quadro social anômico, a rua encerra-se para João do Rio. Ela termina como castigo, punição e correição para aqueles que precisam dela e têm sua liberdade restringida às paredes das celas na Detenção. Excluídos da sociedade, os miseráveis são também excluídos das ruas, não importa se por graves crimes cometidos (assassinatos por traição, etc.) ou por simples delitos (o ato de dar um cascudo em um vizinho). Quanto à regeneração dos presos, para João do Rio é improvável que esses se regenerem, porque uma vez voltando às ruas, eles cometem os mesmos crimes ou às vezes até mais graves, são capturados de novo pela polícia e trazidos à Detenção. Uma vez ridicularizados ou advertidos por voltarem ao espaço de reclusão, os criminosos defendem-se dizendo que a prisão os torna piores do que já são.

Segundo Michel Foucault, a finalidade última da prisão não é a exclusão dos criminosos que ali cumprem pena, ou a regeneração como, geralmente, defende-se. A reclusão, na “sociedade panóptica”, tem por função fixar os indivíduos em um aparelho de normalização de homens. Dito de outra forma: a prisão, em um movimento de inclusão pela exclusão, é um aparelho disciplinar a serviço do adestramento e docilização dos corpos dos indivíduos. É uma via de exercício do poder disciplinar.¹⁶

Poder que atua em forma de vigilância individual e contínua; em forma de correção, ajustando, formando e transformando os indivíduos em função de determinadas normas. O poder disciplinar é um poder que se exerce de modo capilar, em todos os quadrantes do espaço social, inclusive, sobre a “rua” e sobre a individualidade de seus transeuntes e eventuais moradores.

¹⁵ Essa obra foi considerada por muitos leitores como “... uma fantasia ou mesmo uma invenção de um escritor bastante imaginoso; [para] outros, [...] um plágio de *Les petites religions de Paris* de Jules Bois (grifo no original)”. CARDOSO, Sebastião Marques. **Em busca do Eldorado Crítico: João do Rio sob o olhar de Oswald de Andrade**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/b00005.htm>> Acesso em 10/06/2010.

¹⁶ Cf. FOUCAULT, Michel. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nau, 2003.
_____. **Vigiar e Punir**. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

A MUSA INSPIRADORA DE JOÃO DO RIO

As ruas são artérias por onde circula o sangue, a vida das cidades, são microcosmos e sua definição caracteriza-se na obra de João do Rio pelo uso abundante de metáforas. Seu estilo é uma tentativa de atingir o espectador em sua totalidade de sentimentos. Essas metáforas são extremamente necessárias quando se deseja fazer com o espectador experimente novas sensações.

Desse modo, a sinestesia produzida por João do Rio conduz o leitor a passear pelas páginas de “A alma encantadora das ruas” (1908) como se estivesse, pela primeira vez, diante de todas aquelas imagens, mais precisamente, como se o autor não fosse capaz de nomeá-las pela força do seu ineditismo. Segundo Maria Stella Brescianni:

As cidades são antes de tudo uma experiência visual. [...] O recurso a metáforas [...], se por um lado constitui figura de linguagem poética, por outro logra passar, através de uma representação estética e impressão emocional causada por cenas jamais vistas, ou revisitadas com igual perplexidade.¹⁷

A definição da “rua” parte do sentimento de admiração que João do Rio declara. Ele a define, evitando, contudo, reproduzir as mesmas percepções encontradas nos dicionários e enciclopédias, pois essas definições técnicas e simplistas possuem sentidos exógenos que não alcançam nem a riqueza nem a complexidade da rua. Apresenta-a, dessa maneira, como: “... um fator da vida das cidades [...] é agasalhadora da miséria [...] é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte [...] é generosa [...] é a transformadora das línguas [...] A rua é a eterna imagem da ingenuidade”.¹⁸

Somente alguém capaz de “flanar” é que consegue perceber todas essas nuances da *urb*. Alguém que se permite ser um *flâneur*, cuja ingenuidade torna sua alma igualitária e risonha, comprometida com a doçura do falar indistintamente a todos, sejam homens notáveis ou humildes. O que significa então flanar? “... é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem [...]

¹⁷ BRESCIANNI, Maria Stella M. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1998, p. 237.

¹⁸ RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura / Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural / Divisão de Educação, 1995, p. 4.

é ir por aí, de manhã, de dia, à noite [...] Flanar é a distinção de perambular com inteligência”.¹⁹

O mais interessante na apreensão que João do Rio faz da rua é o tratamento que destina a ela enquanto ente, enquanto ser com personalidade própria, como já foi dito. Cada uma com seu caráter, suas atitudes, suas omissões e iniciativas, seus crimes e punições:

Oh! Sim as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, spleenéticas, *snoobs*, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes, que ficam sem pinga de sangue.²⁰

Quantos sujeitos não se misturam às ruas? Quantos não se tornam como elas? Há inúmeras ruas, cada uma com suas peculiaridades: há a Rua do Ouvidor, a da Misericórdia, a do Ourives, a da Quitanda, o Largo do Moura, a da Prainha, as de Santa Tereza, a do Amor, a Rua Feliz Lembrança, a Rua do Sacramento, o Largo do Capim, o de São Francisco, a de Haddock Lobo, a Travessa da Barreira, o Largo do Paço, o Beco da Música ou o da Fidalga, a da Praça Tiradentes, a Rua Benjamin Constant. Todas essas fazendo jus aos seus nomes ou sendo nomeadas por ironia.

As ruas são formadoras do *povo*, elas o instigam. Elas amedrontam e impõem respeito por meio de sua estética, elas estão vivas. As ruas são o nascedouro das cidades. Sua modernidade pulsa como pulsa a Literatura. Esta, por sua vez, pelo caráter inventivo dos seus artistas cumpre o papel de não aprisionar as ruas nas jaulas da estética e da materialidade. Nesse sentido, a Literatura é fundamental, pois recria as ruas, imagina-as melhores e “perfeitas”.

A musa inspiradora de João do Rio não poderia ser outra senão a “Musa das Ruas” que consegue abarcar toda a “população”. É a “Musa-povo” que desfaz “... os fatos mais graves em lundus e canções; é a única sem pretensões porque se renova como a própria Vida [...] é como o riso e o soluço, a chalaça e o suspiro dos sem-nome e dos humildes [...] é a canção”. E o autor continua “... é o contínuo epítome da

¹⁹ RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura / Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural / Divisão de Educação, 1995, p. 5.

²⁰ Ibid., p. 7.

história”.²¹ A “Musa urbana [...] [é] a de todo um milhão de indivíduos”, completa João do Rio “... é de todo o gênero”.²²

Na exaltação dessa musa, João do Rio confere a importância da poesia, dos versos que são, antes de tudo, a essência da vida da cidade, isto é, são “o coração da *urbs*” porque através deles, o povo pode se expressar. Acerca dos versos que exprimem as ruas, ou melhor, as cidades, o autor justifica os versos falhos, por conta dos erros ortográficos ou de rima que constroem a sinfonia da cidade, proteiforme e sentimental. Esses versos congelam imagens e discursos trazendo a “Musa das Ruas” à imortalidade, revelando um patriotismo popular que esquece a miséria das ruas para exaltar seus ídolos monumentais.

ALGUMAS CONCLUSÕES

As ruas, nascimentos da cidade, são espaços de diálogos culturais, são espaços do povo, revelam assim, a cidade como uma construção essencialmente cultural, cujas transformações, tanto no âmbito da materialidade quanto das representações culturais e sócio-históricas, são engendradas pelas forças sociais em um momento pleno de historicidade. Isso acontece porque as vias de circulação do capital permitem a circulação do capital simbólico.

As ruas, portanto, eram o *locus* da circulação de produtos, pessoas e representações.

A cidade é um evento civilizacional porque o capitalismo é um processo que permite a mundialização da cultura, da modernização e da modernidade. Das ruas, surge a cidade enquanto um cenário de poder, tornando o homem o protetor das relações culturais, e conseqüentemente, das relações de poder. Entende-se “poder” como a conjuntura das diversas formas de atuação humana.

A modernidade sendo um fenômeno próprio do capitalismo apresenta contradições profundas. Contradições da vida moderna: os vícios, a promiscuidade e a ausência de escrúpulos religiosos que deságuam no desnudamento da sociedade moderna.

²¹ RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura / Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural / Divisão de Educação, 1995, p. 73-74.

²² *Ibid.*, p. 177-178.

A negação das virtudes e a afirmação dos vícios e crimes escancaram, assim, a crueldade e a violência da passagem do século XIX ao século XX. Esse contexto sugere o enfrentamento das forças modernas avassaladoras e anômicas pelos sujeitos sociais; daí dizer que na modernidade há o estilhaçamento dos sujeitos envolvidos nas tramas históricas. Essas forças, por sua vez, não estão agindo apenas no Rio de Janeiro, mas ao mesmo tempo agem em São Petersburgo, Londres, Paris, Manaus, Belém, etc.

Através da interação entre a materialidade urbana e a cultura específica das ruas do Rio de Janeiro, como os presepes, o carnaval, as profissões das ruas e a religiosidade popular, percebe-se a introdução de novas representações culturais que acompanham o movimento dialético da ornamentação da *Belle Époque* carioca.

As visões literárias sobre essas esferas urbanas chegam a confundir-se porque o rito da modernidade na *Belle Époque* é único, apesar de constituir especificidades. Entende-se rito como a teatralização do mito. Tais visões são imagens e discursos da cidade *sobre* a cidade que se tornaram estruturas no sentido marxiano, cristalizando-se e atravessando os tempos e os espaços físicos ou culturais. Desse modo, nas visões literárias, a cidade passa ser ela própria o percurso teórico.

